

A RETEXTUALIZAÇÃO DO GÊNERO FÁBULA E A MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA

José Ricardo Carvalho (UFS)
ricardocarvalho.ufs@hotmail.com

1. Introdução

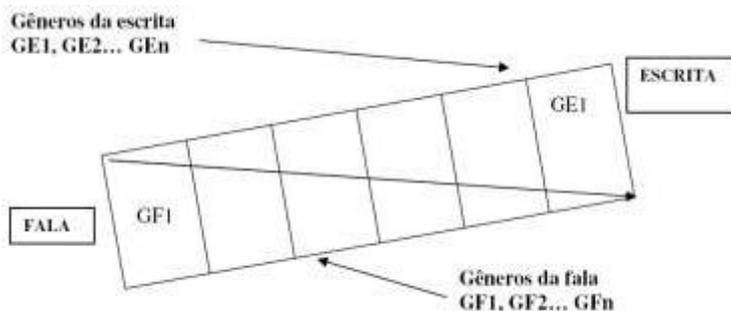
O ensino de produção textual muitas vezes é trabalhado de forma mecânica, impedindo que a criança estabeleça uma reflexão mais ampla sobre a relação oralidade e escrita. Tradicionalmente, quando se pensa em ensino de produção texto, vincula-se ao reconhecimento de tipos de textuais (narrativo, dissertativo, descritivo), tendo pouca reflexão sobre a relação entre a fala e a escrita. Neste caso, ocorre a valorização de estruturas e sequencias homogêneas de constituição da linguagem, como se todos os gêneros discursivos operassem da mesma forma. Sob este perspectiva, o trabalho com tipologias textuais se reduz a operações com estruturas abstratas que organizam a sequencia de um texto. Desta perspectiva, as mediações discursivas que atuam sobre o modo de significação dos textos no domínio social são pouco enfatizadas. Para contrapor a uma posição formalista, optamos por assumir o texto em uma abordagem discursiva que valoriza a noção de gênero textual, como aponta Dell' Isola (2007).

O texto é o observável, o fenômeno linguístico empírico que apresenta todos os elementos configuracionais que dão acesso aos demais aspectos da análise. Entre o discurso e o texto está o gênero que aqui é visto como prática social e prática textual-discursiva. O gênero opera como ponte entre o discurso, como atividade mais universal e o texto é tido como peça empírica particularizada e configurada numa determinada composição observável. (DELL'ISOLA, 2007, p. 22)

Para desenvolver uma proposta de produção textual em sala aula, consideramos, antes de tudo, o texto como material empírico resultante de uma atividade discursiva que se manifesta nas diferentes esferas sociais, com relativa regularidade, conforme indica Bakhtin (1992). Sendo assim, o texto é visto, antes de um tudo, como um gênero discursivo constituído de conteúdo, forma composicional e estilo que permitem a produção de enunciados que assumem uma forma relativamente estável, sendo configurado na esfera social em que se inscreve. Este fato gera a necessidade de pensar nos efeitos de sentidos que um enunciado pode gerar para cada situação de interação verbal, considerando, então, o tipo de

registro (formal e informal), a posição dos interlocutores no discurso e suporte que vincula o discurso.

Sobre o registro, nota-se que os gêneros primários, por se encontrarem em uma esfera mais íntima e privada, tendem a utilizar uma linguagem mais informal; enquanto os gêneros secundários, por serem difundidos em uma esfera pública, tendem a serem regulados por um registro mais formal. Contudo, é possível identificar um movimento híbrido na relação entre os diferentes gêneros textuais na medida em que tal ocorrência se realiza em um *continuum* tipológico de práticas sociais de produção de linguagem a ser configurado em intercâmbio com a modalidade oral e a modalidade escrita, como demonstra Marcuschi (2001, p. 38) no gráfico a seguir.



Como vemos, um dos procedimentos que nos dá pistas sobre a formulação heterogênea da linguagem é a compreensão dos vínculos que articulam a modalidade escrita e falada nos diferentes discursos, considerando aí os gêneros prototípicos. O entendimento deste fenômeno nos ajuda a identificar operações cognitivas que revelam o trabalho de formulação e reformulação linguística no plano textual para promover o empenho comunicativo. Nesta direção, a proposta de estudo da retextualização de Marcuschi (2005) oferece orientações para analisar o intercâmbio entre a oralidade e a escrita no processo de interlocução. Sendo assim, os procedimentos adotados na esfera comunicativa da oralidade passam a ser mais valorizados para a compreensão dos processos de apropriação de saberes vinculado à escrita.

Marcuschi (2007) afirma que as línguas são modeladas pelo uso. Sendo assim, oralidade e letramento são duas atividades complementares e não opostas, visto que compartilham de semelhanças e diferenças que

interagem entre si em processo dinâmico histórico-cultural. A compreensão dos processos de letramento não deve partir de regras que descrevem o funcionamento do código escrito em si, mas das práticas sócias discursivas em que a escrita e a fala estão inseridas. Desta maneira, a polarização entre fala e escrita não tem sentido no processo de ensino da língua materna. Por este motivo, Marcuschi (2001) chama atenção para procedimentos discursivos que ocorrem quando se realiza a passagem do discurso oral para o escrito. Tal mecanismo não corresponde uma atividade mecânica de transcrição que transmuta do plano do oral para o escrito, visto que a atividade de transcrição impõe mudanças da forma e da substância da expressão.

Sendo assim, toda a estrutura no plano da forma/substância e no plano do conteúdo é afetada, devido aos diferentes recursos de significação utilizados pelas duas modalidades. A cada configuração, torna-se necessário organizar estratégias de adaptação para orientar o processo de retextualização. Para instituir tal adaptação é preciso, então, considerar como o texto funcionará em um novo contexto discursivo, avaliando: o propósito da reescrita, o tipo de relação a ser estabelecida entre os interlocutores na atividade discursiva e organização tipológica na passagem de um gênero para outro.

2. *O gênero fábula e sua abordagem na sala de aula*

O ato de narrar se configura como uma prática social milenar transmitida de geração para geração. Diferentes sociedades para compreender a sua existência registram suas experiências reais e fictícias vividas. Elas elaboram, por meio da linguagem verbal oral e escrita, narrações que promovem ensinamentos morais, divertindo e estimulando a imaginação. Uma das formas consagradas para divertir e passar ensinamentos são as histórias com animais que expressam de forma alegórica o comportamento social dos homens.

O gênero fábula se configura como aquele que apresenta um amplo interesse das crianças devido a seu formato curto e bem-humorado. Escolhemos, então, como atividade de produção de texto a reescrita e a retextualização de fábulas. Por meio de um discurso de fácil assimilação, a fábula é um gênero textual regulado por uma sequência de ações centrada em apenas uma célula dramática que expõe no início uma situação de equilíbrio entre os personagens. Em seguida, ocorre um conflito provocado por ação-reação dos personagens, tendo como desfecho a solução

de um problema. Uma boa descrição sobre o funcionamento discursivo do gênero fábula é apresentada por Portella (1983):

A cena se passa num abrir e fechar de olhos como quando a cortina do palco se levanta e logo se abaixa para dar ao espectador apenas uma curta visão. A brevidade da visão faz com que a ação dramática não seja mostrada por inteiro, acabada, fechada. *O que acontece antes da cena geralmente não se vê, e o que vem após, se não interessar à mensagem*, não tem importância alguma. Detalhes, descrições, caracterizações, localização da cena, nada disto tem relevância e, pelo contrário, pode até prejudicar a *validade universal da mensagem*. A noção de espaço, o lugar onde se desenrola a ação dramática, acompanham as características desta. A unidade de ação corresponde a unidade de espaço. Quando determinado, o espaço onde a ação se desenvolve no geral se restringe a uma sala, uma casa, um pomar, um rio, uma floresta, uma árvore etc. (PORTELLA, 1983, p. 128)

Portella (1983) elucida, ainda, que as fábulas não expõem o desenvolvimento do caráter dos personagens com nos contos, visto que o objetivo deste gênero é promover uma reflexão sobre os vícios e as qualidades humanas, ressaltando o contraste entre a maneira de agir e de pensar dos personagens em uma pequena ação dramática. Sua estrutura assume algumas características, como objetividade, brevidade, unidade de ação centrada em um único universo espaço-temporal. Além disso, o número de personagens é bastante reduzido, pois somente em raras situações há mais de dois personagens.

Fábula em que funcionem quatro personagens como aquela de "A VACA, A CABRA, A OVELHA E O LEAO" são raríssimas. Fica também entendido que fábula de uma personagem só não é possível. A segunda personagem sempre existe, mesmo que sua presença seja meramente passiva como são as uvas em relação à raposa ou a ânfora em presença da velha. Em consequência também das características deste gênero literário, as personagens tendem a ser estáticas ou planas: não crescem, não evoluem diante do espectador como as personagens de um romance. (PORTELLA, 1983, p.129)

Diante da caracterização da estrutura narrativa das fábulas e a compreensão de funcionamento discursivo do gênero abordado, propomos uma série de atividades de produção textual que alinhassem as práticas de contação de história de fábulas com atividades de escrita das mesmas. Nosso intuito foi promover a discussão entre a oralidade e escrita a partir da produção de textos orais e escritos com uma turma de alunos do quarto ano do ensino fundamental de uma escola da rede estadual, situada no município de Itabaiana/SE.

Encontramos, no primeiro momento da investigação, alunos com uma série de dificuldades para estabelecer diferenças entre as fábulas e outros gêneros que assumem a forma narrativa. A primeira atividade rea-

lizada com um grupo de 30 alunos consistiu na exposição de um grupo de textos orais com os quais podiam ser identificados como fábulas. Muitos não conseguiam promover uma reflexão sobre a linguagem para explicar os aspectos das fábulas, exigindo, então, o processo constante de diálogo do professor com os alunos.

Na sequência, realizamos atividades diagnósticas para identificar o domínio da linguagem escrita no âmbito do gênero fábulas. Lemos a fábula “O leão e o ratinho” e solicitamos que eles recontassem o episódio por escrito. Do ponto de vista composicional, alguns alunos, ao reescreverem a fábula, começavam e terminavam, em grande parte dos textos, com os segmentos do tipo “Era uma vez” e “...e foram felizes para sempre”, enunciados típicos dos contos de fadas. Este fato foi analisado com os alunos nas atividades de revisão coletiva, inspirando a leitura de outras fábulas com a finalidade de recontá-las sem a presença de enunciados prototípicos dos contos de fadas.

Elaboramos, então, uma terceira atividade voltada para a transformação do reconto oral “A lebre e a tartaruga” para a modalidade escrita. A escolha desta fábula se deveu a sua forma prototípica, que vem acompanhada de um diálogo entre dois animais de maneira objetiva e sintética. Além disso, a fábula seguia uma ordem canônica, possuindo no desfecho uma moral explícita em forma de provérbio.

TEXTO FONTE – A LEBRE E A TARTARUGA

Adaptação: Lúcia Tulchinski

A lebre vivia a se gabar de que era o mais veloz de todos os animais. Até o dia em que encontrou a tartaruga. – Eu tenho certeza de que, se apostarmos uma corrida, serei a vencedora – desafiou a tartaruga.

A lebre caiu na gargalhada. – Uma corrida? Eu e você? Essa é boa!

– Por acaso você está com medo de perder? – perguntou a tartaruga.

– É mais fácil um leão cacarejar do que eu perder uma corrida para você – respondeu a lebre.

No dia seguinte a raposa foi escolhida para ser a juíza da prova. Bastou dar o sinal da largada para a lebre disparar na frente a toda velocidade. A tartaruga não se abalou e continuou na disputa. A lebre estava tão certa da vitória que resolveu tirar uma soneca.

"Se aquela molenga passar na minha frente, é só correr um pouco que eu a ultrapasso" – pensou.

A lebre dormiu tanto que não percebeu quando a tartaruga, em sua marcha vagarosa e constante, passou. Quando acordou, continuou a correr com ares de vencedora. Mas, para sua surpresa, a tartaruga, que não descansara um só minuto, cruzou a linha de chegada em primeiro lugar.

Desse dia em diante, a lebre tornou-se o alvo das chacotas da floresta.

Quando dizia que era o animal mais veloz, todos lembravam-na de uma certa tartaruga...

Moral: Quem segue devagar e com constância sempre chega na frente.

Para realizarmos a reescrita da fábula de Esopo acima, foi contada a história, acompanhada de uma atividade de interpretação de texto. Esta tarefa possibilitou que os participantes tivessem maior intimidade com a narrativa e pudessem se apropriar de sua estrutura. Diante dessa formulação, pedimos que cinco alunos recontassem a fábula com gravação em vídeo. De posse das gravações, realizamos as transcrições e selecionamos uma delas para discutir os aspectos da oralidade que se encontrava na transcrição do reconto oral.

Na apresentação das transcrições, os alunos ao verem suas falas transcritas ficaram surpresos, pois nunca tinham entrado em contato com um texto transcrito com a fala deles. Explicamos que aquelas produções foram feitas em cima das falas deles, quando recontavam oralmente as fábulas. Pedimos que observassem as repetições e hesitações, as marcas de oralidade. Depois disto, pedimos que todos os alunos da turma reescrevessem uma das versões transcritas para uma nova versão com traços mais pertinentes a linguagem escrita, fazendo assim as modificações necessárias. Com esta atividade os alunos aprofundaram o entendimento do discurso oral e escrito como observamos na tarefa de retextualização a seguir de três alunos.

Observamos a presença recursos prosódicos na gravação que não se encontravam no discurso transcrito. Tal ausência representou um desafio que os alunos deveriam enfrentar para reescrever a nova versão. Além disto, apreciamos algumas marcas da oralidade permanecerem na versão transcrita, mas que precisavam de mudanças. Diante das discussões, propusemos aos alunos que reescrevessem o texto, reconfigurando de acordo com princípios da modalidade escrita. Apresentamos a seguir a produção de uma das alunas que participou da dinâmica de reescrita.

Transcrição do discurso oral

A lebre ficava se gabando dizendo que era a melhor de todas... a mais veloz... aí a tartaruga desafiou ela... ela disse que ganhava... e não queria... aí a tartaruga perguntou se ela estava com medo... aí as duas apostaram a corrida... e a raposa ...foi quem deu a largada ... dada a largada ...a lebre correu em disparada... veloz... e a tartaruga ficou laaa atrás... aí a lebre disse... eu sou melhor de que ela... eu vou tirar um cochilinho... depois... quando ela passar na minha frente... soó correr mais um pouco... e eu ganho... ela dormiu tanto... que a lebre... que a tartaruga... passou na frente dela e ganhou... aí depois na floresta a lebre ficava... quando a lebre ficava dizendo que era a melhor de todas... a mais veloz... todo mundo se lembrava da tartaruga.

**Retextualização
do discurso oral para o escrito**

A lebre ficava se gabando dizendo, que era melhor que todos, a mais veloz. Então a tartaruga desafiou-a, mais ela não queria e disse que iria ganhar. A tartaruga estranhou e lhe perguntou se estava com medo.

Começou a corrida e a raposa deu a largada. A lebre saiu disparada e a tartaruga ficou lá trás. A lebre disse que era melhor do que a tartaruga e resolveu tirar um cochilinho.

Logo depois a tartaruga passou na frente da lebre e ganhou. Quando a lebre acordou saiu correndo e teve uma surpresa a tartaruga tinha ganhado.

Sempre que a lebre dizia que era melhor que todos os animais se lembravam de uma certa tartaruga

A atividade de retextualização desenvolvida suscitou um trabalho de revisão coletiva a partir de alguns textos produzidos pelos alunos. Muitos alunos organizaram seus registros, utilizando poucos recursos referentes à pontuação, mantendo alguns traços de oralidade no discurso escrito. Tal aspecto acabou por gerar imprecisão, ambiguidade diante da pouca explicitação do contexto enunciativo. As atividades de revisão ainda se constituem em uma dificuldade, visto que a discussão sobre o funcionamento da linguagem escrita e a participação dos alunos sobre análise dos aspectos linguísticos e discursivos do texto escrito, pois corresponde uma novidade em termos de atividade pedagógica.

Após a revisão coletiva da reescrita da fábula “A lebre e a tartaruga”, notamos que a turma possuía um grande conhecimento discursivo sobre o gênero fábula, mas ainda não fazia distinção das vozes presentes no discurso escrito. Tal questão precisa ser mais trabalhada sob o enfoque enunciativo. As condições de produção de texto a partir das atividades de retextualização demonstraram que a reflexão sobre a relação oralidade e escrita pode ser mais refletida, aproximando o usuário da língua por estratégias discursivas que explore a reflexão de forma mais intensa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, Michail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BAKHTIN, M. M./ VOLOSHINOV, V. N. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1995.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais de língua portuguesa – 1ª a 4ª série*. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- DELL'ISOLA, Regina Lúcia Péret. *Retextualização de gêneros escritos*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.
- DOLZ, B.; SCHNEWLY, D. *Gêneros e progressão em expressão oral e escrita: elementos para reflexões sobre uma experiência suíça (francófona)*. Gêneros do oral e do escrito na escola. Trad. e org. de Rojo, R. e Cordeiro, G. L.. Campinas: Mercado de Letras, 2004.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. Oralidade e ensino, uma questão pouco 'falada'. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva e BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs.). *O livro didático de português*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para a escrita: processos de retextualização*. Cortez, 2001.
- PORTELLA, Oswald O. *A fábula*. Revista de Letras. Curitiba, n.32, 1983.